

**O MILAGRE DO ESCRETE:
FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL NAS CRÔNICAS
ESPORTIVAS DE NELSON RODRIGUES (1969 – 1970).**

*THE MIRACLE OF THE EXCRETE:
SOCCER AND NATIONAL IDENTITY IN THE SPORT CHRONICLES
OF NELSON RODRIGUES (1969 – 1970).*

Alex DEGAN¹

“O escrete é a pátria em calções e chuteiras. Ele representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: - o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós” (1997: p.151).

RESUMO

Este artigo pretende analisar 21 crônicas de futebol escritas pelo dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues, entre os anos 1969 e 1970. Nosso objetivo é investigar de que forma o autor se utiliza do futebol brasileiro, mais propriamente da campanha da Seleção Nacional na Copa de 1970, como pano de fundo para discussões acerca da identidade e do sentido histórico do povo e da nação brasileira.

Palavras-Chave: Nelson Rodrigues, Brasil, identidade.

ABSTRACT

This article analyses 21 chronicles written by Nelson Rodrigues, journalist and dramaturge, about soccer between 1969 and 1970. Our objective is to investigate in which manner the author uses the narrative of the Brazilian soccer game, with focus on the performance of the National Team during the World Soccer Cup in 1970, as the background for discussions on identity and historical trends of the Brazilian people and their nation.

Key Words: Nelson Rodrigues, Brazil, identity.

¹ Mestre em História, FFLCH/USP. Professor da Faculdade de História, CCH-PUC Campinas e das Faculdades Integradas Maria Imaculada. E-mail: alexdegan@yahoo.com.br

1) "Amigos, o futebol é a mais feia, a mais cruel das paixões" - Uma introdução ao tema

É certo que, como acontece com a musicalidade, o carnaval e as manifestações religiosas, o futebol atingiu no Brasil o status de uma *paixão nacional*, de *unidade da Pátria* ou de *expressão do espírito do povo brasileiro* (MEIHY, 1982: 11). E este íntimo contato, longe de ser simples e recente, possui fundamentos históricos antigos e debates acalorados, seja nas ciências humanas (História, Antropologia, Sociologia, Crítica Literária, etc.), na Filosofia, na política e na Comunicação. Na verdade, *"a associação entre seleção brasileira de futebol e unidade nacional possui raízes antigas e profundas, que remetem a um discurso nacionalista e à idéia de brasilidade"* (ANTUNES, 1999: 227).

De fato, as discussões centradas na prática e no desenvolvimento do futebol no Brasil, sempre se fizeram acompanhadas de reflexões acerca de nossas características enquanto povo e nação, ou seja, estiveram relacionadas com formulações de nossa *identidade* e da *idéia de brasilidade*. O debate é complexo, pois se alimenta de diversas discussões que extravasam o futebol em si, principalmente quando partimos para a *brasilidade*, ideal perseguido por intelectuais desde nosso romantismo, mas com especial atenção dedicada pelos modernistas (MORAES, 1978: 16) e pelos intelectuais e artistas das décadas de 1960 e 1970.

Como maneira de participar e investigar este debate, propomos uma leitura de 21 crônicas esportivas escritas por Nelson Rodrigues, entre os anos 1969 e 1970, com o intuito de acompanhar a ligação íntima feita por ele entre o *escrete nacional* e a questão da *brasilidade*, ou do *ser brasileiro*. Para tanto, consideramos importante conceituar melhor nosso autor e o período investigado.

1969 – 1970

Dentro da História brasileira, a passagem da década de 1960 para 1970 é marcada por fortes discussões, sejam elas pautadas no âmbito da cultura, da política ou da economia. O país passava pelo período mais terrível e violento da repressão política conduzida pelos militares, no poder desde 1964. Com o AI-5, em 1968, o Estado militar encontrou mecanismos "legais" para eliminar e combater a

oposição, que em 1970 chegou a seu nível mais baixo de expressão e representação política (FAUSTO, 1998: 484). Concomitante a este processo de perseguição física e intelectual, a máquina estatal tratou de cuidar da maioria da população brasileira, que vivia um cotidiano de esperança, embalada pelo chamado *"Milagre Econômico"* e pela propaganda, feita no rádio, imprensa e televisão. Segundo o historiador Boris Fausto, *"foi a época em que muitos brasileiros idosos de classe média lamentavam não ter condições biológicas para viver até o nosso milênio, quando o Brasil se equipararia ao Japão"* (FAUSTO, 1998: 485).

Animados pela ação da propaganda, os militares procuraram estimular e investir no avanço das telecomunicações, em especial no ano de 1970, quando temos a realização da primeira transmissão simultânea de uma Copa do Mundo via televisão para o Brasil. Pelo mesmo motivo temos a consolidação da primeira rede de transmissão brasileira, por satélites, entre o Norte e o Centro-Sul do país.

Neste processo, inúmeros intelectuais e artistas procuraram refletir sobre os novos rumos trilhados pelo Brasil, e toda aquela discussão sobre o *"ser brasileiro"* e a *brasilidade* é retomada, seja na vivência acadêmica ou na produção cultural (MORAES, 1978: 15). Em uma tentativa crítica de refletir o país, claramente em contraposição ao *"Brasil Grande"* arquitetado pelos militares, podemos colocar desde os concretistas de São Paulo até os baianos da Tropicália, fato que ressalta a qualidade e o grande número de idéias em debate. No entanto, como nos coloca a filósofa Marilena Chauí, *"nem os modernistas, nem o ISEB, nem os CPCs, nem o Cinema Novo, nem o Tropicalismo, nem a MPB de protesto conseguiram aniquilar a imagem verdeamarela, que se consolidou"* (CHAUI, 2000: 36). O motivo para tal fracasso pode ser interpretado dentro do enorme esforço que os militares dispensaram na construção desta nova *brasilidade*, ou *"verdeamearelismo"*, que ora era lida com manifestação espontânea, ora como alienação. E dentro desta contenda figura, com destaque, o dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues que, diariamente bombardeava jornais com suas opiniões, sempre polêmicas, sobre o Brasil.

Nelson Rodrigues

Nascido no Recife, em 1912, Nelson Rodrigues Falcão começou cedo na carreira de jornalista. Logo aos

treze anos, já morando no Rio de Janeiro, circulava na redação do jornal de seu pai, Mário Rodrigues. Trabalhou como jornalista policial, autor de consultório sentimental, como crítico de ópera, polemista e cronista esportivo. Parcial e provocante, deixou, além de sua notável obra teatral, um volumoso número de artigos em que se destacam suas idéias nacionalistas e anticomunistas, o que acabou por eleger nosso autor como o intelectual favorável ao Golpe de 1964 mais popular e expressivo (CASTRO, 1992: 378).

Nelson cultivou a crônica esportiva durante bom tempo de sua vida, escrevendo até sua morte, em 1980. Publicou em vários jornais e revistas, entre os quais o *Jornal dos Sports* (de 1955 até 1966), a *Manchete Esportiva* (de 1955 até 1959), e *O Globo* (de 1962 até 1980). As 21 crônicas aqui analisadas foram tiradas de duas seleções, organizadas por Ruy Castro, e publicadas em 1993 e 1994. Além do valor literário das crônicas, repletas de metáforas e personagens, nos despertou atenção a estreita ligação construída por Nelson entre o escrete nacional, tricampeão em 1970, e a auto-imagem brasileira.

Pretendemos, para maior compreensão de nossa idéia, explorar agora o papel do futebol em nosso país, ressaltando o uso que em diversas épocas atribuímos a este esporte.

2) “*Quem ganha e perde as partidas é a alma*” – *Futebol, futebóis*

Tratar de um esporte, do futebol em especial, não é uma tarefa fácil. Se nos anos contemporâneos ao nosso autor a questão era desprezada por cientistas humanos em geral, nos últimos vinte anos o volume de estudos e de publicações cresceu de maneira notável. Hoje encontramos uma variedade de textos, que vão desde Educação Física e Esportes até reflexões dentro da Filosofia e da Antropologia, que procuram tratar do fenômeno esportivo com cuidado, atentos ao particular e específico de cada prática, linguagem e percepção social.

Como nos mostram os historiadores do futebol, a polêmica em torno do esporte bretão em nosso país é concomitante a sua chegada ao Brasil. Temos, desde o início do século XX, debates que procuravam revelar os traços unificadores e organizadores do futebol na nação brasileira mestiça, ressaltando certa positividade do esporte, em oposição à outros, que viam o *football* como um elemento importado, pouco ligado ao Brasil, carregado de

elementos do atraso e subdesenvolvimento (ANTUNES, 1999: 17). Intelectuais e escritores como Lima Barreto, José Lins do Rego, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Monteiro Lobato, Olavo Bilac e Graciliano Ramos vão contribuir na discussão, cada qual em sua época, destacando a complexidade do elemento esportivo no país.

Até hoje, nos estudos pesquisados, encontramos esta preocupação latente em situar o futebol no Brasil, principalmente enquanto prática lúdica. Nesta direção, é fundamental a compreensão do livro *Homo Ludens*, de Johan Huizinga. Neste texto, Huizinga defende a idéia de que o elemento lúdico, imprescindível para o desenvolvimento das civilizações humanas, estaria se acabando com o advento da industrialização, da crescente urbanização e da “capitalização” do mundo e das relações humanas (HUIZINGA, 1996: 213), gerando, o que ele chama, de *puerilismo*, ou seja, uma infantilização do que antes era típico do universo lúdico. Dentro desta interpretação, o ocidente estaria experimentando, desde o século XVIII, um “desencantamento do lúdico”, o que, no século XIX, se consagra com a invenção dos esportes modernos (MARQUES, 2000: 29-30).

Consideramos fundamentais as idéias defendidas por Huizinga, principalmente quando ele liga o processo de “desencantamento do universo lúdico” ao curso de desenvolvimento do Capitalismo. No entanto, devemos ressaltar, Huizinga produziu seu estudo na década de 1930, envolto de uma visão européia entre guerras que insistia em evidenciar dicotomias como universo lúdico – esporte. Concordamos com parte da bibliografia contemporânea que ainda admite sobrevivência de aspectos lúdicos no mundo atual, sendo um destes “nichos” a prática do futebol, particularmente no Brasil. Se para Huizinga o jogo (lúdico) estaria no lado oposto da seriedade (HUIZINGA, 1996: 51) e, em decorrência, do trabalho, e seu “desencantamento” geraria uma infantilização do que era antes domínio do lúdico, podemos considerar que, se assim fosse, o espaço ocupado pelo futebol no Brasil estaria claramente marcado por uma evasão da vida real, do cotidiano e do essencial em nossa sociedade. Neste espaço tudo seria infantil, oposto do puramente “lúdico”, em suma, seria um hiato tolo e ingênuo da vida humana.

O que verificamos, na verdade, nos coloca em outra direção: o lúdico, expresso no futebol, é tão forte no Brasil que ele não se coloca em oposição ao nosso cotidiano, mas o invade, extrapolando limites e contaminando com novas “regras” o ritmo do país. É interessante observar que, no Brasil, foi inventado o *ponto facultativo* para os

períodos de Copa do Mundo, especialmente durante os jogos do selecionado nacional. Segundo nota o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, “*somente no Brasil, comparativamente à Inglaterra, Itália, Espanha, França e Argentina, que os bancos, o comércio, as escolas, as indústrias e os serviços públicos alteram seus serviços e suas rotinas de funcionamento e prestação de serviços. Todos estes serviços praticamente não são alterados em períodos de Copa nesses países citados, até mesmo quando estão sediando o megaevento*” (TOLEDO, 2000: 228). Temos a criação de um espaço importante, que rompe com o cotidiano, com a regra diária, mas que em momento algum é notado e percebido como infantil ou tolo.

Outra observação é que, dentro desta esfera ocupada pelo esporte e pelo lúdico no Brasil, o futebol conseguiu criar um espaço intermediário entre a festa popular e o espetáculo erudito (DAMATTA, 1994: 15), ou seja, um complexo que atrapalha qualquer tentativa de se produzir dicotomias. No campo temos a separação, como ocorre em óperas ou concertos clássicos, entre aqueles que assistem e aqueles que executam uma ação, mas que, como nos carnavais e festas primitivas (ROSENFELD, 1993: 101), colocam o espectador como *torcedor*, figura que “se torce” por seu time, participando ativamente da ação e, muitas vezes, com o poder de modificá-la.

O Futebol no Brasil

O *football*, esporte inglês introduzido no Brasil no início do século XX, apresenta uma história intimamente ligada ao desenvolvimento dos centros urbanos brasileiros (SEVCENKO, 1994: 30-37). Com ele se tornando *futebol*, e deixando de ser esporte de elite para virar mania nacional, mais de cem anos se passam. De acordo com a historiografia especializada, podemos dividir estes anos em quatro períodos gerais: 1894 – 1904, quando foi introduzido no Brasil, ficando restrito aos clubes e associações de estrangeiros europeus; 1904 – 1933, na sua fase amadora, marcada pela crescente divulgação e pressão para o profissionalismo; 1933 – 1950, os anos iniciais do profissionalismo e dos grandes campeonatos (regionais, nacionais e mundiais); 1950 até hoje, com a consagração do futebol nacional, ganhador de inúmeros títulos, e da capitalização de clubes, da mídia e de jogadores.

Como nosso trabalho se preocupa em analisar crônicas esportivas, devemos registrar a ligação muito próxima entre futebol e imprensa. No início do século XX a

imprensa começava a ganhar novos leitores nas grandes cidades, despertando o interesse de muitos não com apenas com fatos políticos, mas com uma nova necessidade, a de acompanhar os resultados dos jogos (LEVINE, 1982: 27). Assim aparece uma “*múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem de imprensa esportiva*” (MARQUES, 2000: 17). Temos aqui o nascimento de uma ação jornalística muito específica, que se aprofundou em transformar as partidas em notícia, mas extrapolando em sua interpretação e repercussão, o que, com o passar dos anos, agrada os crescentes torcedores que procuravam as páginas esportivas não mais para saber de escores, mas sim para se informar dos clubes, dos craques e das partidas (FRANZINI, 2000: 20). Desta maneira, com a ação cada vez mais essencial de uma mídia especializada, as partidas praticamente nunca se encerravam com os trilares dos apitos.

Caminhando juntamente com a ampliação das grandes cidades e com a expansão da imprensa diária (jornal e rádio), o futebol ganhou popularidade, se tornando o esporte nacional e para alguns, mais do que isto, um traço de união brasileira. Da mesma forma, logo no início de sua popularização, na primeira metade do século XX, encontramos nos discursos de anarquistas e comunistas uma formulação da febre que se tornara o futebol como um poderoso “*ópio do povo*”, capaz de afastar e dividir a classe operária em suas verdadeiras lutas (ANTUNES, 1999: 18). Assim, um dos debates cruciais deste esporte no Brasil estava posto, seria ou não o futebol um produto de alienação? Seria o futebol o *ópio do povo*?

Para uma significativa parcela dos pensadores da questão, o futebol é, ou foi, utilizado em nossa história como um instrumento das classes dominantes para sublimar a miséria e a falta de sucesso da grande maioria dos brasileiros (LEVINE, 1982: 21-22). Ainda, nos dias atuais este esporte estaria completamente esvaziado de sentidos, composto somente por interesses mercadológicos e comerciais. Nos anos 60 e 70, talvez como reação ao escandaloso uso que o regime ditatorial fazia de propagandas ufanistas, intelectuais de esquerda vão recuperar o uso do futebol enquanto “*ópio do povo*”, principalmente quando acusavam o silêncio da sociedade frente à suspensão das liberdades e atrocidades cometidas pela repressão.

Do outro lado da discussão, encontramos estudiosos que se esforçam em tornar e demonstrar o futebol como uma manifestação da cultura brasileira,

construção elaborada com o tempo e que acompanha a fase de democratização e popularização do esporte. Anatol Rosenfeld, por exemplo, produz uma leitura do futebol como uma das únicas portas abertas aos negros e mulatos para mobilidade social (ROSENFELD, 1993: 85). Outros intelectuais formulam caminhos que apontam ser da alçada deste esporte fatores como identidade e integração nacional, o que, segundo o antropólogo Roberto DaMatta, não seria uma ação essencialmente negativa e prejudicial; a força do futebol estaria ligada ao fato de, num país com violenta concentração de renda, proporcionar aos excluídos momentos de glórias e vitórias. Nesta vertente ainda, o futebol estaria ensinando aos brasileiros elementos de democracia que não são ensinados pelo Parlamento (DAMATTA, 1994: 12), pois com suas regras imutáveis, o futebol mostraria uma alternância na vitória, onde o vencedor não pode ser um ditador e o derrotado não deve ser eliminado. Os símbolos nacionais, antes exclusivos da elite e dos militares, são, com o escrete em época de Copa, propriedades de todos (MARQUES, 2000: 65). Além disto, o futebol com sua “experiência da vitória” mostraria aos brasileiros pobres que eles podem, e devem, buscar o êxito em outras áreas, como trabalho e cidadania (DAMATTA, 2002; MARQUES, 2000: 161-162).

Futebol e identidade nacional

Conforme colocamos até aqui, a bibliografia e o debate sobre futebol no Brasil criam consenso num ponto: este esporte consegue produzir leituras de uma “identidade nacional”, ou pelo menos fazer parte de uma. Tantos os detratores, que enxergam esta identidade com esconderijo das injustiças e das diferenças de classe, quanto os admiradores, que pensam ver neste processo um dos únicos momentos que vivemos propriamente em uma nação, a relação de futebol e identidade se faz presente.

Segundo o antropólogo José Carlos Gomes da Silva, num processo de construção de identidades, “*é sempre o outro que, pelas diferenças que lhe reconheço, me permite construir uma imagem de mim próprio*” (GOMES DA SILVA, 1994: 55). Ou seja, a identidade necessita, ou melhor, só pode ser evocada como recurso para a criação de um *nós coletivo* quando um *outro*, em contraposição, aparece. Do mesmo modo, esta construção só consegue se sustentar quando a identidade (igualdade) consegue se basear em um sistema de representações, mesmo que este fique delegado no campo do discurso, sem verificação material.

Transpondo este debate para a idéia de “nacional”, observamos que as representações básicas da identidade são fundamentais, o que assegura uma coerência interna na nação, ligadas, muitas vezes na história e na cultura do país. Neste mesmo processo, o outro é necessário, pois a nação vive também de referências que lhe são externas, diversas, diferentes (CHAUI, 2000: 21). No caso brasileiro, este processo sempre transpareceu como um problema, pois como um povo mestiço, marcado pela regionalização, pela concentração de rendas e pela desigualdade social poderia, de uma maneira única, buscar representações básicas de si e eleger um outro como contraposição? Surgindo como um esporte de elite, que posteriormente se popularizou ao ponto de chegar a se confundir com o “ser brasileiro”, o futebol se prestou a este serviço, criando identidades e unificando uma nação, ao menos quando pensamos em um discurso.

Em uma partida de futebol, e isto fica claro (é a sua essência), temos a colocação, no nível dos torcedores, de um *nós* contra os *outros*. O *nós*, que originalmente esteve ligado aos fundamentos de classe e descendência social, se vale de uma identidade *comum* que não é mais a das fronteiras familiares e econômicas, transbordando para todo o espaço público, colocando elementos historicamente opostos dentro de um padrão de sociabilidade intenso, quase que em um novo sistema social. Desta forma, “*o futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, corporadamente e de eventualmente vencer*” (DAMATTA, 1994: 16). O *outro*, elemento de oposição, é igualmente fundamental, uma vez que nos encontros, nas partidas de futebol, os grupos são convidados a pensar-se e unir-se, apesar das diferenças, se fortalecendo enquanto identidade, enquanto *torcida*.

Se aceitarmos a capacidade e o uso do futebol como elemento construtor de identidades no Brasil, estaremos também habilitados para entender o uso peculiar que Nelson Rodrigues fez deste esporte para pensar o Brasil.

3) “O Brasil é muito impopular no Brasil” – Nelson Rodrigues e a identidade nacional

Vários estudos sobre Nelson Rodrigues o classificam como um dos fundadores da moderna crônica esportiva (DAMATTA, 1994: 12), autor de textos que embelezam o jogo e criador de personagens de força que

até hoje pontuam as análises sobre futebol. Na verdade, o que Nelson Rodrigues fez com primazia foi ler esta prática esportiva como um *ícone* de nossa cultura (MARQUES, 2000: 29), e levar esta leitura ao extremo, identificando no futebol as glórias e mazelas de toda uma nação.

Para Nelson o dilema está claro: a falta de auto-estima e o subdesenvolvimento só serão resolvidos e superados quando o Brasil e os brasileiros se assumirem, quando ambos despertarem, buscando raízes de sua identidade (mestiça) e de seu sentido histórico:

“Todavia, ninguém contava com o homem brasileiro. Cada um de nós é um pouco como o Zé do Patrocínio. O *Tigre da Abolição* era suscetível às mais cavas e feias depressões. Sua retórica sempre começava fria, gaguejante. Seus amigos, porém, iam para o meio da massa e começavam a berrar: - *Negro burro, negro analfabeto, negro ordinário!*. E então, Patrocínio pegava fogo. Dizia coisas assim: - ‘*Sou negro, sim. Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes de minha pátria*’. Para assumir a sua verdadeira dimensão, o escrete precisava ser mordido pelas vaias. Foi toda uma maravilhosa ressurreição” (1994: 159).

O pensamento brasileiro e Nelson Rodrigues

Para prosseguir com nossa análise, acreditamos ser relevante buscar entender as relações intelectuais de Nelson Rodrigues com outros autores de seu tempo, visto que ele não fala somente de futebol em suas crônicas. Está preocupado em pensar o Brasil, e faz isto voltado para uma geração de pensadores com que teve contato, sendo um deles de especial destaque: Gilberto Freyre.

Precisamos nos atentar que questões relativas ao “típico” do Brasil, ou ao que podemos chamar de uma construção de identidade, já estavam colocadas desde o romantismo, mas que sofreram um aprofundamento com os modernistas. Para o filósofo Eduardo Jardim de Moraes, “*a problemática da renovação estética, presente nos anos anteriores, cedia lugar, a partir de 24, a uma preocupação que, acirrando-se até 1930, se dirigia no sentido de, em primeiro lugar, elaborar uma literatura de caráter nacional, e num segundo momento, de ampliação e radicalização do primeiro, de elaborar um projeto de*

cultura nacional em sentido amplo” (MORAES, 1978: 73). O que observamos é uma tentativa, que vai se refinando com o passar dos anos, de pensar o Brasil e de criar um espaço percebido e determinado para a cultura nacional.

Na década de 1930, com ação do Estado de Vargas, esta discussão se acelera, cabendo também aos governantes o desenho desta cultura nacional. As próprias transformações sócio-econômicas do período, com a crescente população brasileira concentrada nas cidades, levaram o meio intelectual a pensar e refletir sobre o Brasil urbano-industrial. É neste período que estudiosos apontam um “*redescobrimento*” do país por “*um conjunto de autores que representarão os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e de seu passado*” (FRANZINI, 2000: 100). É exatamente nesta época que assistimos a publicação das grandes obras de pensadores como Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda que, voltando-se para nosso passado colonial, tentavam interpretar a história brasileira. É interessante também notar que, como nos mostra o antropólogo Hermano Vianna, as décadas de 1920 e 1930 assistiram uma real discussão sobre “as coisas brasileiras”, dentro da música, da literatura ou das ciências sociais. O episódio relatado por Vianna, e que se transforma no fio condutor de sua investigação, é revelador: em 1926 os jovens pensadores brasileiros Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda se encontram, para uma “noitada de violão”, com os “brasileiríssimos” Pixinguinha e Donga (VIANNA, 1995).

Um desses “pontos de encontro” dessa nova geração de intelectuais que procuravam refletir sobre o Brasil era a Livraria José Olympio, localizada na cidade do Rio de Janeiro. José Olympio, o editor e dono da livraria / editora, manifestava preocupação com projetos que investiam em análises sobre o Brasil, escolhendo um corpo de autores que trasbordavam esta questão. Entre seus romancistas, podemos destacar Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. No entanto, sua editora entraria para a história intelectual do país com a publicação de uma série chamada *Documentos Brasileiros*, que continha Casa-grande & Senzala e Raízes do Brasil, duas obras fundamentais para se entender o pensamento brasileiro. Neste contexto, o jovem Nelson Rodrigues, talvez levado por seu irmão Mário Rodrigues Filho, se torna um frequentador da famosa livraria.

Podemos, aqui, entender um pouco da preocupação de Nelson com a identidade brasileira, já que para a intelligentsia de sua juventude, esta era uma preocupação

eminente e legítima. O contato de nosso autor com estes intelectuais fica mais claro quando destacamos a figura centralizadora e importante de Gilberto Freyre. Com a publicação, em 1933, de Casa-grande & Senzala, Freyre contribuía com largos passos para o debate acerca de uma verdadeira identidade coletiva brasileira, principalmente quando ele coloca a mestiçagem como fator positivo e integrador em sua interpretação do Brasil. Para o historiador Fábio Franzini, “*ao equilibrar os antagonismos sócio-raciais do passado sem anular a especificidade das diferenças, o escritor pernambucano ia ao encontro da demanda social (e também política) do presente, colocando a velha e problemática questão nacional em novos – e atuais – termos: nossa singularidade enquanto povo vem da mestiçagem e isso é motivo de orgulho, não de vergonha*” (FRANZINI, 2000: 101-102). O impacto deste estudo na intelectualidade e imprensa, principalmente a esportiva, foi forte, e é sentido até hoje. E Nelson Rodrigues, que olhava o futebol como “o grande evento” para os brasileiros, soube aproveitar desta valorização da mestiçagem.

Seu irmão, Mário Filho, contribui na consolidação deste pensamento “freyriano” no futebol brasileiro quando, em 1947, publica O Negro no futebol brasileiro, obra pioneira neste tipo de abordagem e que primava pela valorização do negro e, em consequência, do futebol. Quem assina o prefácio do livro é Gilberto Freyre, explicitando que o antropólogo entendia e concordava com essa ligação entre futebol, mestiçagem e identidade (FRANZINI, 2000: 105). Posteriormente, em 1977, Freyre assinaria agora a introdução de outro livro da família Rodrigues, só que agora de Nelson, revelando intimidade entre os dois escritores. Em O Reacionário, Nelson Rodrigues deixa claro que para qualquer um que tivesse interesse em conhecer o Brasil, uma leitura de Gilberto Freyre seria inevitável. (RODRIGUES, 1995:145)

O salutar é que este debate, este “redescobrimto” do Brasil, chegou à imprensa diária, que também procurou desenvolver e acrescentar argumentos ao debate de nossa história. O palco principal desta ação nos periódicos será a crônica, um gênero que na época estava intimamente ligada às redações (ANTUNES, 1999: 26-27). Assim, naturalmente, os cronistas e jornalistas tentavam entender as mudanças no país, atentos aos novos rumos trilhados tanto pelo política, quanto em outras esferas, “menos nobres”, como o futebol.

Ainda devemos nos atentar para o processo de modernização promovido por Juscelino Kubitschek nos

anos 1950, o que também atingiu aos intelectuais, com a ação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Para Marilena Chauí, “*os trabalhos do ISEB correspondem ao período em que a idéia de nação é construída como questão nacional vincula à consciência nacional das classes sociais. E se usarmos nossa periodização, estaremos no momento de passagem da ideologia do caráter nacional para a da identidade nacional*” (CHAUI, 2000: 35). Agora, para Nelson Rodrigues a questão está clara e posta: a identidade brasileira, tão perseguida e discutida, encontrou seu prumo na valorização da mestiçagem (Freyre) e nos espírito empreendedor de JK, fato que estaria expresso, principalmente, nas vitórias e glórias do escrete.

O Milagre do escrete – “Graças à seleção, todo mundo virou brasileiro. Enquanto durar a euforia do escrete, seremos um país ocupado por brasileiros”

Neste sentido, do imenso debate dentre concepções e interpretações do Brasil, é que Nelson Rodrigues vai contribuir com suas idéias sobre futebol e identidade. Para nosso autor, seria o escrete a “entidade” capaz de transformar os nascidos no país em brasileiros, e mais, em brasileiros nacionalistas, orgulhosos de seus feitos e caminhos seguidos, dotados de outra identidade – a de vencedor:

“E, por isso, entendo que a cidade (do Rio de Janeiro) se levantasse em gigantesca apoteose. Aquele curso dos velhos carnavais voltou. As buzinas estavam de uma formidável histeria. Um turista que por aqui passasse e visse 5 milhões de sujeitos urrando havia de anotar no seu caderninho: - ‘Esta cidade enlouqueceu!’. E, realmente, ficamos loucos. As pessoas se olhavam na rua e diziam umas para as outras: - ‘Somos brasileiros!’ “. (1993: 170).

“Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Ai está o milagre do escrete. Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, em pretexto, uma razão de auto-estima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas”. (1993: 181).

Para Nelson a questão extrapola o simples jogo de futebol, pois no episódio da Copa do Mundo o brasileiro

teria a oportunidade de se mostrar, ao estrangeiro e a si mesmo, como um ser definido, contente consigo, com sua mestiçagem e vencedor. Assim, conquistando em assumindo uma identidade, o brasileiro ganharia uma espécie de “cidadania internacional”, entrando para o rol das grandes nações graças aos dribles e gols (ANTUNES, 1999: 188), sendo reconhecido como um povo dotado de características típicas:

“Vocês sabem o que dizem os jornais ingleses do nosso futebol? Dizem apenas e textualmente o seguinte: - ‘Devia ser proibido jogar tão bonito’”. (1993: p.184).

Temos nas Copas, para Nelson Rodrigues, um dos poucos momentos em que entidades abstratas (TOLEDO, 2000, 30), antes prioridades de uma elite ilustrada, do Estado e dos militares, se extravasam para toda a população. Para Nelson, são nesses raros momentos em que palavras como *país, povo, nação, bandeira, pátria e hino* deixam de ser meras palavras e ganham vida. Todo brasileiro as entende com tal:

“Um escrete é feito pelo povo”. (1993: 188).

“Observem agora o que o escrete fez por nós. Há pouco tempo o brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro. Conheço um patricio que andou ensaiando um sotaque para não traír sua nacionalidade. Agora não. Agora acontece esta coisa espantosa: - todo mundo quer ser brasileiro. O país foi invadido por brasileiros, ocupado por brasileiros. Dizia-me o Francisco Pedro do Couto: - ‘Nunca vi tantos brasileiros’. E outra coisa: - as mulheres estão mais lindas, e os homens mais fortes, e há uma bondade difusa, volatilizada, atmosférica. Jamais se cumprimentou tanto. E como sorrimos uns para os outros”. (1993: 190).

“(...) o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfildado? E ainda mais: - por que o escrete está vestido de verde e amarelo?”. (1994: 152).

Em suas crônicas também encontramos divagações acerca do subdesenvolvimento brasileiro, e de que maneira

agir frente aos países desenvolvidos. Ao contrário da “tristeza” de Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*, e da cordialidade de Sérgio Buarque de Holanda, que via no personalismo atitudes que impediam o caminho da modernidade, Nelson Rodrigues enxerga o homem brasileiro da época como um moleque que, de uma vez por todas, não precisava imitar o estrangeiro, em especial o europeu, para conseguir uma vitória. A receita, mais uma vez, estaria na *aceitação do brasileiro pelo brasileiro*, ou seja, o Brasil deveria assumir suas características próprias, e não buscar exemplos em outros povos, objetivos que, em alguns aspectos, nos remetem à preocupação do ISEB:

“Por aí se vê que admiramos mais os defeitos ingleses do que as virtudes brasileiras. Conversei com um dos jogadores do escrete e ele abriu-me a alma, de par em par. Contou-me que, jogando sob uma cúpula de vaías, não era um brasileiro a jogar para brasileiro. Não e nunca. Tinha a sensação de que era um brasileiro a jogar para javanês, tirolês, congolês, tibetano, caucasiano e birmânes”. (1993: 165).

“Amanhã jogaremos com a Inglaterra. Eu sei que a Inglaterra é grande. Mas nós somos maiores, porque somos Brasil, imensamente Brasil, eternamente Brasil”. (1993: 172).

“A Inglaterra é campeã do mundo e perdeu. Bastaram dois minutos do verdadeiro futebol brasileiro. Em 120 segundos, liquidamos o inimigo. Vejam vocês: - a Inglaterra fazia posse de melhor do mundo no futebol. Os nossos jornais ou afirmavam ou, na pior das hipóteses, imaginavam que o futebol inglês era, sim, o melhor do mundo. Por um funesto lapso, o brasileiro já não se lembrava de que somos os bicampeões”. (1993: 158).

Dentro da imaginação e do nacionalismo afiado de Nelson Rodrigues, o escrete conseguia mostrar aos brasileiros uma imagem positiva deles próprios. Poderia existir “a seca no Nordeste”, ou a “mortalidade infantil”, mas para Nelson o acúmulo dos históricos problemas do Brasil subdesenvolvido não deveriam imobilizar os avanços do Brasil que obtinha êxitos:

“Terminou o primeiro tempo com o marcador de 1x0 a favor da Inglaterra. O Brasil dera-se ao luxo

de perder um pênalti. Na fila do café, um sujeito me agarra e diz: - 'No segundo tempo a Inglaterra vai melhorar e o Brasil vai abrir o bico'. Entendi o raciocínio do fulano: como há por aqui o Nordeste, o Amazonas, a mortalidade infantil, teríamos mais dez minutos de fôlego, se tanto". (1993: 149).

"No subdesenvolvido, a imparcialidade não é uma posição crítica, mas uma sofisticação insuportável". (1993: 150).

"Com o cinismo de grande povo, o inglês inverte magicamente tudo em seu favor. Ao passo que o brasileiro, subdesenvolvido, inverte tudo em seu prejuízo". (1993: 151).

Frente aos outros escretes, principalmente aos europeus, a seleção brasileira, para Nelson, "*põe-se a passear em campo, a deslizar como cisnes*" (RODRIGUES, 1993: 185). Se os times adversários abusavam do anti-jogo, da pressão e do cinismo, o escrete brasileiro mostrava o contrário, que sua certeza de superioridade também se valia de certa *cordialidade*, da molecagem em contraposição ao frio e esquemático europeu, de uma beleza ao jogar contra a feiúra da tática objetiva, que Nelson Rodrigues apontava como "pura" e "limpa":

"Vocês devem ter visto, ontem, o tape de Inglaterra x Alemanha. O campo era varrido de correrias irracionais. Vale tudo, do gogó para cima. Vinte e dois homens, e mais o juiz e mais os bandeirinhas, e aquela fauna triste de patadas".

"Que falso futebol, que antifutebol. Amanhã, sim, amanhã o mais belo futebol do mundo jogará contra a Itália. E quando acabar o jogo vocês verão subir o nome do Brasil como um formidável berro em flor". (1993: 190).

"O melhor de todos, repito, o mais eficiente, o mais brilhante, o mais criativo, o mais plástico, o mais artístico – é o brasileiro. Não houve campanha mais bela". (1994: 156).

Nelson Rodrigues, analisando e refletindo sobre a campanha brasileira na Copa de 1970, acaba entrando em muitas questões da já referida "brasilidade". Ele parece estar convencido do valor da mestiçagem e da capacidade

da nação obter êxitos, vitórias estas que só seriam possíveis se o Brasil se aceitasse como tal. Neste ponto encontramos uma das mais agudas preocupações de nosso cronista, que acredita ser a falta de auto-estima do brasileiro a maior razão de suas derrotas e subdesenvolvimento. O tema é tão rico que ele cria a expressão "complexo de vira-latas", o que, em grande medida, já ressalta a questão racial (o mestiço vira-latas) explícita na discussão.

Complexo de vira-latas, Narciso às avessas, a nostalgia eterna da rapadura e o desafio do "ser" brasileiro em Nelson Rodrigues

A construção de poderosas metáforas, como a do "complexo de vira-latas", é comum e recorrente nas crônicas de Nelson. Elas aparecem praticamente em toda a sua produção como jornalista esportivo, seja como uma verdade universal ou como um obstáculo a ser superado. Bastava o escrete perder que, segundo o dramaturgo, todas as "*antigas frustrações, jamais cicatrizadas*" estariam vivas novamente, e no brasileiro se instalaria novamente uma *tópica do fracasso* (MARQUES, 2000, 159-160), uma *nostalgia eterna da rapadura*, que acabaria rebaixando mais a estima nacional, destinada à derrota:

"Perguntará o leitor, em sua espessa ingenuidade: - 'O brasileiro não gosta do brasileiro?'. Exatamente: - o brasileiro não gosta do brasileiro. Ou por outra: - o subdesenvolvido não gosta do subdesenvolvido". (1993: 166).

"Eis a opinião dos brasileiros sobre os outros brasileiros: - não temos caráter. Se ele fosse mais compassivo, diria: - 'O brasileiro é um mau-caráter'. Vocês entenderam? O mau-caráter tem caráter, mau embora, mas tem. Ao passo que, segundo meu colega, o brasileiro não tem nenhum".

"Mas o que ainda me espanta é a frase do companheiro: - 'O brasileiro não tem caráter'. Essa falta de auto-estima tem sido a vergonha, sim, tem sido a desventura de todo um povo". (1993: 187).

Assim, para Nelson o brasileiro seria um "Narciso às avessas", um sujeito que cuspi na própria imagem, que desconfiava de suas qualidades, de sua mestiçagem, sempre tentado ao pessimismo e fatalismo. E este "trauma psicológico" estaria expresso, de maneira notável, nos jogos da seleção brasileira. Nelson Rodrigues enxergava nestes jogos o grande momento de reflexão nacional, onde os brasileiros pensavam em ser brasileiros.

Este embate fica evidente quando nosso cronista se dirige aos *entendidos*, jornalistas esportivos que criticavam os rumos do escrete. Nelson simplesmente não entende os lamentos e as queixas da crítica, não compreende como especialistas em futebol (que além de *entendidos*, ele também os chama de *hienas*, *chacais* e *abutres*) conseguiram ver falhas graves nos jogos do escrete brasileiro, o que seria, na verdade, mais uma ação do *complexo de vira-latas*:

“Ora, o escrete é feito à nossa imagem. E os cronistas reunidos (em uma mesa redonda) não fizeram outra coisa senão cuspir, como Narciso às avessas, na própria imagem. Negaram a seleção, negaram o jogador, negaram o técnico, negaram o preparador, negaram o médico, negaram tudo. Justo seria que terminassem assim: - ‘E, agora, com licença, porque vamos urrar no bosque mais próximo!’ “. (1993: p.166).

“Era mais fácil encontrar uma girafa em nossas redações do que um otimista. O otimista era visto, e revisto, como um débil mental”. (1993: 191).

“Eis a verdade: - há muito tempo que as hienas estão fazendo a meticulosa montagem da catástrofe. Eu sempre disse que os piores inimigos da seleção estavam aqui e não lá fora”. (1994: 146).

“Quando escrevo sobre as hienas, sobre os abutres, sobre os chacais do futebol brasileiro – todo mundo acha que estou fazendo uma metáfora. E ninguém desconfia que são as hienas, os chacais, os abutres os autores da catástrofe”. (1993: 161).

“Como se não bastasse tudo o mais, ainda descobriu o ‘entendido’: - o futebol moderno não é bonito, não quer ser bonito e escorraçou o belo e artístico de suas cogitações. Bonito e artístico é o futebol subdesenvolvido de Brasil e outros”. (1993: 183).

“Vou concluir: - o ‘entendido’ só não se torna abominável porque o ridículo o salva”. (1993: 183).

O problema está posto: o brasileiro sofre com uma estima baixa, ele não se identifica, não se configura em uma nação. Para Nelson, tal problema, gravíssimo, poderia ser superado com a experiência de vitória que o escrete proporcionava ao país. Mais do que isto, Nelson Rodrigues

parece mesmo estar convencido no poder de representação que o escrete tem do Brasil, ele acredita que a seleção é o povo, as cores nacionais, o hino, enfim, o momento onde tantos símbolos e componentes da nação se unem frente aos brasileiros. O exagero chega ao extremo do escrete, em suas crônicas, passar a significar, quase em sua totalidade, não escores e jogadores, mas sim pensado enquanto valor metafórico, não material, quase que como um semióforo, que nas palavras de Marilena Chauí, seriam *“coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível com o invisível”* (CHAUI, 2000: 12). Este valor, quase sobrenatural e fortemente simbólico do futebol, faria com que os brasileiros se esquecessem, por momentos, da imensa segregação social e econômica que marca o país. Assim, toda vez que Nelson quer tornar clara a união nacional causada pelo sucesso do futebol, utiliza como exemplo o comportamento das elites durante as partidas do escrete:

“Não sei a se contei o caso de certo amigo meu. É o que se chama um boa-vida.. Sua mesa tem vinhos raros e translúcidos. Um dia, ocorreu-lhe um capricho voluptuoso e tomou um banho de leite de cabra. Perguntei-lhe: - ‘Que tal?’. Respondeu: - ‘Assim, assim’. Duas vezes por ano, dá uma volta pela Europa. Pois bem. É esse amigo que me confessa: - ‘Só me sinto brasileiro quando o escrete ganha’. Fora disso passa anos sem se lembrar do Pão de Açúcar ou sem pensar na Vista Chinesa, recanto ideal para matar turista argentino”. (1993: 181).

“Quem quiser entender as nossas elites e o seu fracasso encontrará nos 100 Mil (a passeata dos 100 Mil, realizada no Rio de Janeiro, em 1968) um dado essencial. Não havia, ali, um único e escasso preto. E nem operário, nem favelado, e nem torcedor do Flamengo, e nem barnabé, e nem pé-rapado, nem cabeça-de-bagre. Eram os filhos da grande burguesia, os pais da grande burguesia, as mães da grande burguesia. Portanto, as elites”.

“E sabem por que e para que se reuniu tanta gente? Para não falar no Brasil, em hipótese nenhuma. O Brasil foi o nome e foi o assunto riscado. Falou-se em China, falou-se em Rússia, ou em Cuba, ou no Vietnã. Mas não houve uma palavra, nem por acaso, nem por distração, sobre o Brasil”. (1993: 180).

Em sua interpretação da realidade brasileira, de um país que vivia amordaçado pela repressão política pós AI-5 e embalado pelas mudanças do “Milagre Econômico”, Nelson notava, com ênfase, a radicalização de parte da elite intelectual brasileira para projetos relacionados com algum tipo de política de esquerda, ou como observa seu biógrafo Ruy Castro, “ninguém poderia ter opiniões politicamente mais antipáticas numa época em que toda a intelligentsia brasileira parecia ter se radicalizado à esquerda” (CASTRO, 1992: 372).. Seu próprio filho mais velho, Nelson Rodrigues Filho, se encontrava, nos anos aqui estudados, envolvido na clandestinidade e na luta armada. E Nelson Rodrigues, mais uma vez, faz do escrete um cavalo de batalha para mostrar o quanto seu nacionalismo poderia ser integrador, o que, nesses anos pesados da história brasileira, zoava como provocação para muitos envolvidos na luta pela redemocratização.

Uma personagem expressiva destes anos é a *grã-fina das narinas de cadáver*. Criação forte, pois só nas palavras ela já aproxima opostos (uma grã-fina, que nos remete à idéia de algo nobre e vivo; um cadáver, que nos leva ao frio, ao insensível, imóvel), esta “socialite” de nariz empinado mudaria sua conduta conforme caminhava as conquistas do escrete, como se em cada vitória do selecionado nacional a ilustre senhora perdia sua “nobreza sóbria” e virava mais “Brasil”:

“Subimos no mesmo elevador. Os presentes, inclusive eu, não tiravam os olhos da grã-fina (...). Saltamos no sexto andar do estádio. Foi aí que, sempre ereta como as sonâmbulas, vira-se para o marido: - ‘Fulano’. Usou um diminutivo qualquer, que não me lembro, e fez a pergunta: - ‘Quem é a bola?’ “. (1993: 141).

“(Sobre o primeiro jogo da seleção em 1970, Brasil 4 x 1 Tcheco-Eslováquia). Eu vi a grã-fina das narinas de cadáver cair de joelhos, no meio da rua, e estrebuchar como uma víbora agonizante”. (1993: 171).

“(Sobre o jogo Brasil 1 x 0 Inglaterra, 7/6/1970). Também a grã-fina das narinas de cadáver me ligou. Soluçava: - ‘Brasil! Brasil! Brasil!’. Mais tarde, eu a vi, patética, enrolada na bandeira brasileira. Parecia uma Joana d’Arc da seleção”.

(1993: 181).

“O que é que há com o Brasil? Não há nada, ou por outra: - há o escrete. A grã-fina das narinas de cadáver sente-se como se fosse co-autora do gol contra a Inglaterra”. (1994: 153).

O esforço de Nelson Rodrigues está fortemente expresso nesta evolução de uma grã-fina que não sabia o que era uma bola para uma outra, que com os jogos do escrete cai de joelhos no meio da rua, espaço público e popular por excelência, para “estrebuchar como uma víbora agonizante”. Para ele o mesmo processo se dá em todo país, mesmo com todos os regionalismos, segregações, injustiças e desafios. Com a vitória da seleção é atingida uma perseguida união.

4) “Sempre fui um autor correndo atrás da metáfora, atrás das mais desvairadas metáforas. O adjetivo é a minha tara estilística” – O universo literário rodrigueano

Ao escrever suas crônicas esportivas, Nelson Rodrigues cultivou um estilo muito particular, calcado em obsessões, repetições, na criação de personagens populares, de metáforas carregadas e de uma intimidade com o público.

Antes de mais nada, devemos nos atentar ao enorme campo de atuação literária em que Nelson se inscrevia, atuando como escritor de folhetins e novelas, de confissões e memórias, de consultórios sentimentais, jornalismo policial e – principalmente – como dramaturgo polêmico e revolucionário. Tal dimensão é importante se considerarmos que nosso cronista gostava de ver e ler a vida como um drama, uma tragédia digna dos tablados de teatro, ou seja, Nelson escrevia sobre um suicídio com a mesma perspectiva dramática que redigia suas novelas – era fundamental o humano, o indivíduo e os sentimentos, em suma, o dramático.

Com o futebol não poderia ser diferente (COSTA, 1994: 89), pois é nesta esfera que ele vai utilizar todo o seu gênio criador na construção de belas crônicas de elevado valor literário. Para ele não importava o escore, o gol e os tempos, Nelson Rodrigues ressaltava nas partidas o caráter de humanidade, seja no físico (suores, lances, lágrimas, faltas, passes, cheiros) ou no abstrato (sensações, catarses, impulsos). O jogo em si, a partida e o escore, era um pretexto, um pontapé inicial para a construção de uma narrativa imagética, carregada de símbolos que deslocavam o acontecimento (o jogo) do cotidiano para inscrevê-lo no eterno:

“(Sobre o gol Mil de Pelé). Ao que íamos assistir já era História e já era Lenda. Imaginem alguém que

fosse testemunha de Waterloo, ou da morte de César, ou sei lá". (1993: 159).

Acreditamos que em nossa análise, para maior compreensão deste universo próprio de Nelson Rodrigues e de sua narrativa particular, uma investigação de suas criações literárias também seja relevante. A primeira questão a ser colocada é a do gênero literário escolhido por ele para pensar o futebol: a crônica esportiva.

Desde o início da imprensa no Brasil, a crônica esteve intimamente ligada aos jornais, mas foram nos anos 1950 que ela vira moda e se generaliza (ANTUNES, 1999: 29). Ao contrário do jornalismo puro, a crônica não tem como objetivo principal informar, e sim problematizar e refletir sobre o fato. Na verdade, a crônica toma o fato, a informação, como um pré-requisito para o leitor acompanhar o que será debatido, extravasando os limites da notícia pura e, também, não se inscrevendo na abordagem propriamente científica ou acadêmica das coisas. A crônica e toda sua argumentação própria parecem ficar no meio disto tudo. A socióloga Fátima Maria Rodrigues Ferreira Antunes argumenta que, "*apesar de associada ao jornal, a crônica diferencia-se do jornalismo na medida em que este tem por objetivo na notícia e a informação. Na crônica, a notícia é tomada como pretexto para um discurso que transcende a própria notícia e o objetivo de informar, onde o autor expõe seus argumentos, interpretando os acontecimentos*" (ANTUNES, 1999: 27).

Como a crônica está sendo vinculada e escrita para o jornal diário, cotidiano, ela perde, ou melhor, ela não deseja se expressar com jargões acadêmicos, mesmo sendo espaço específico de debates. Assim, ela ganha "ares do dia-a-dia", de trivial, corriqueiro, quase que "sem necessidade", o que a aproxima, e muito, do público leitor. Desta maneira, o cronista se dirige agressivamente ao leitor, quase que intimamente e pessoalmente, num bate-papo ou situação similar. Nelson, na grande maioria das crônicas analisadas, inicia o texto com "amigos" ou "meus amigos", deixando claro que é ele quem fala com o leitor, é dele as opiniões escritas, colocando em xeque a imparcialidade e neutralidade do jornalista. A idéia é produzir um caloroso e próximo diálogo:

"Amigos, ainda estou escrevendo sob uma espantosa ressaca emocional". (1994: 155).

"Amigos, nós, tricolores, ainda estamos debaixo da ressaca emocional de Domingo". (1994: 142).

Como a esfera da crônica se insere no coloquial e cotidiano, ela, naturalmente, trás consigo expressões e registros típicos do dia-a-dia como a gíria, a oralidade, a mobilidade e mutabilidade. Ainda mais se tratando da crônica esportiva, que chama para si a necessidade de tentar reproduzir, ou ao menos registrar, os dribles em campo e o espetáculo dirigido por torcidas nas arquibancadas. Em Nelson estes elementos são elevados ao grau máximo, alcançando um refinamento muito apreciável. Gírias típicas do Rio de Janeiro, por exemplo, são lançadas, em suas crônicas, como se fossem de domínio nacional (GUIDARINI, 1990: 34).

E deste cotidiano registrado, cabível na crônica, temos uma postura e produção que, mesmo sem ter objetivos complexos, acaba revelando muito da sociedade que a produziu. Exatamente por se manter despreocupada é que a crônica, muitas vezes, consegue atingir e focar problemas sérios de uma sociedade, chegando até à crítica social. Destarte, concordamos com o que nos coloca o historiador Nicolau Sevcenko quando diz que, "*é preciso ter em mente que, embora a literatura revele muito de seu tempo, ela oferece uma perspectiva do vir-a-ser, ao contrário das ciências humanas, que buscam o ser das estruturas sociais*" (SEVCENKO, 1989: 20).

E as crônicas de Nelson Rodrigues, tão pontuadas de influências e de símbolos, eram sempre escritas "no calor de acontecimentos", sejam eles resultados de jogos ou manifestações políticas das esquerdas amordaçadas, o que as torna um ambiente muito propício para o acompanhamento dos debates em que elas se inseriam.

Particularidades do universo literário rodrigueano

Conforme já colocamos, Nelson Rodrigues conseguia transitar entre vários estilos literários e tipos de ações jornalísticas, passando pela notícia policial e pela crônica esportiva com suas características próprias e sua parcialidade sempre declarada.

Uma de suas particularidades que observamos na análise das crônicas é a capacidade de construção de inúmeros enredos paralelos na narração de uma história, e que, como ocorrem nos folhetins e novelas, acabam sempre se encontrando no final. É, em Nelson, absolutamente natural encontrar em suas reflexões sobre o futebol, divagações acerca da morte, do adultério, do comunismo e

do Fluminense, enfim, assuntos que, em uma primeira leitura não apresentam nada em comum, mas que nosso cronista consegue interligá-los de maneira espetacular. Os exemplos são muitos e divertidos, como o do registro que Nelson faz do gol mil de Pelé, ligando o atacante santista ao líder chinês Mao Tsé-tung:

“Não se iludam: - se o Chefe chinês tivesse tido a idéia, já teria completado os mil gols, e muito antes de Pelé. Vamos imaginar a cena: - o grande homem concorrendo com Pelé. Mao, com a barriga maior que a do Chacrinha, com os calções batendo nas canelas, chutando em todas as direções”.

“*Como se sabe, no Estado totalitário tudo é possível. E Mao Tsé-tung, num só jogo, faria o milheiro, com um pé nas costas. Toda a imprensa de lá, o rádio e a televisão aceitariam o deslavado milagre como tal. Graças a Deus, nenhum puxa se lembrou de sugerir-lhe o assombroso feito. Pelé ficará, para sempre, na História e na Lenda, como único autor de mil gols*”. (1993: 156).

Em outras situações, o cruzamento de enredos é tão evidente, que Nelson conversa com o leitor, quase fazendo uma confidência, o que aumenta o clima eminente de expectativa:

“*Mas o crime passionai já teve a sua voga. (Aí está: - voga. Boa palavra. Tem som. Pretendo usá-la mais vezes). Quando eu era garoto, na altura ai de 1920. (Já chego ao futebol. Vocês não perdem por esperar)*.” (1993: 176).

Ainda, e esta é a particularidade fundamental do folhetim, Nelson Rodrigues cultivava o hábito de retornar aos vários assuntos já tratados em outras crônicas, como se a “história do dia” tivesse uma continuidade amanhã. Aqui a famosa obsessão de Nelson é latente, pois, como no caso de sua defesa do técnico João Saldanha, o assunto é tão retomado que se torna, por vezes, obsessivo.

Também notamos em nossa análise um excessivo personalismo nas crônicas, praticamente induzido e perseguido. Como já observamos, nosso dramaturgo tinha horror ao jornalismo imparcial, que achava impossível e típico da vigarice. Quando escrevia, deixava clara a sua

opinião, mesmo com a proposta fazer uma análise mais apurada ou almejando alcançar algum consenso. Nelson não vacilava em estampar suas idéias de maneira, muitas vezes, agressiva.

Da mesma forma em que ele se declarava e dialogava com seus leitores, muitas vezes Nelson Rodrigues expunha seu círculo de amizades ao seu público, o tornando íntimo e conhecido. Nas crônicas, inúmeras vezes ele se dirige aos leitores através de amigos seus, colocando suas virtudes e defeitos, construindo quase um charme de celebridades e um clima de intimidade:

“*Ja eu com o Marcello Soares de Moura. Nada como uma carona para aproximar os homens. E o Marcello sempre me leva para o futebol no seu Volks, cor de vinho tinto*”. (1993: 141).

Também são numerosos os diálogos que Nelson trava com outras obras literárias, uma contínua citação, ou intertextualidade, colocando outros autores em sua narrativa, muitas vezes como personagens determinantes. Ele não se importa se seu público conhece ou não Allan Poe, Dostoievski ou Machado de Assis; ele simplesmente os aproxima, mesclado enredos e construindo a sua narrativa, sem que, o possível estranhamento, cause uma falha na comunicação do sentido do que ele quer dizer:

“*Isso, que parece uma página de ‘Os Maias’, é muito pior que uma página de ‘Os Maias’. O leitor pode tremer, mas acredite: - para muitos colegas meus, a vitória foi uma punhalada total*”. (1994: 141).

“*E o que acontecia aqui, em nossos campos, lembra muito uma história de Kafka*” (1994: 153).

“*Em pé, Tostão já é pequeno, pequeno e cabeçudo como um anão de Velasquez*”. (1993: 150).

“*O nosso adversário era fabulosíssimo, ao passo que o nosso pobre jogo era antigo, obsoleto, como a primeira sombrinha de Sarah Bernhardt*”. (1993: 169).

Por fim, a sua característica mas acentuada que identificamos nas crônicas é, sem dúvida, a produção de valiosas metáforas. A intenção é Nelson Rodrigues é de

fácil percepção: como ele está tratando de futebol, um esporte marcado pelo acaso e por movimentos, Nelson que recuperar o episódio narrado em sua carga dramática, o que eleva o número de metáforas utilizadas. Assim ele pode potencializar os sentidos, mobilizá-los, colocando o leitor em prontidão, carregado com uma sensibilidade exagerada. Por vezes, suas metáforas são tão extravagantes e abusivas, que ele chega em hipérboles poderosas, que funcionam para quebrar ou alterar as expectativas do leitor (MARQUES, 2000: 147), reforçando o que ele quer dizer:

“Aconteceu, então o seguinte: - vivos e mortos subiram as rampas. Os vivos saíram de suas casa e os mortos de suas tumbas. E, diante da platéia colossal, Fluminense e Flamengo fizeram uma dessas partidas imortais”. (1993: 145).

“E, em qualquer clássico ou pelada, Pelé pode fazer tudo, porque é Pelé. Se abrir a ‘Revista do Rádio’ no meio do campo, estará usando um dos privilégios do gênio”. (1993: 173).

Os dois exemplos acima são elucidativos neste tipo de construção: não basta dizer que uma multidão foi assistir ao maior jogo do ano, a expectativa cresce quando lemos que “os mortos saíram de suas tumbas para assistirem o clássico imortal”. Pelé não joga apenas andando, como pode jogar lendo uma revista, e continuará sendo um gênio.

Suas metáforas carregadas também se valem de antagonismos e paradoxos para, num processo final, criarem neologismos cheios de novos sentidos. A própria personagem da *grã-fina das narinas de cadáver*, ao aproximar dois significados distantes (a grã-fina e o cadáver), acaba gerando uma outra personagem, um novo significado, um neologismo. O mesmo processo se dá quando Nelson fala da barriga de Mao Tsé-tung, destilando sua fina ironia:

“Logo se viu que tudo podia acontecer a Mao Tsé-tung, menos morrer afogado. Graças a sua barriga insubmersível (e mais insubmersível que o Titanic e o Bismarck), ele poderia, se o quisesse, boiar eternamente”. (1993: 155).

Ainda em sua construção de metáforas, observamos que elas são repetidas exaustivamente, o que, no caso do

famoso “*óbvio ululante*”, acabou se espalhando por outras produções do autor, como as peças de teatro ou outras crônicas. Tal característica, com diz o crítico literário Mário Guidarini, se torna “*marca indelével do estilo de Nelson Rodrigues*” (GUIDARINI, 1990: 34), expressado não só em metáforas, mas também nas frases “lapidares”, nos personagens fortes e nas situações dramáticas, e por isso mesmo universais.

E não seria o futebol, por meio de seu paradoxo (de regras imutáveis com seu espetáculo único e indeterminado), o espaço perfeito para a ação de um escritor obsessivo preocupado com a identidade nacional?

5) “O brasileiro é um feriado” – Uma conclusão

O que tentamos discutir neste trabalho foi a ligação e debate que Nelson Rodrigues faz entre futebol e identidade brasileira. Procuramos demonstrar que estas questões são antigas e polêmicas, discutidas em diversas épocas, por vários intelectuais e por diversas disciplinas com arcabouços teóricos distintos.

Nelson Rodrigues soube captar com notável sensibilidade toda uma discussão de uma época complexa da história brasileira. Nos anos estudados, mostramos que as reflexões acerca do Brasil, de sua cultura e política, não estavam presas aos privilégios de pensadores ou do Estado (embora ambos tivessem grande importância), mas de um grupo maior de brasileiros que, seja na mídia, na música, nas passeatas ou no futebol, procuravam dar a sua contribuição ao debate.

Nelson Rodrigues foi recuperado enquanto intelectual e produtor de uma obra relevante, o que nos levou a pensar em seus diálogos com pensadores brasileiros e nas particularidades de suas crônicas. Procuramos também mostrar que o debate em torno da identidade brasileira, ou de uma “brasilidade”, é anterior ao período estudado, envolvendo diversos interlocutores e momentos da história. Consideramos fundamental o processo de “redescobrimto” do Brasil apreendido na década de 1930, com o fortalecimento de um Estado autoritário e nacionalista, num período de expansão do urbano e do industrial, e de um aumento da ilustração, com a abertura de novos jornais, de universidades e de mercados culturais. O destaque deve ser feito para a obra *Casa-grande & Senzala*, do antropólogo Gilberto Freyre. Procuramos

mostrar como o discurso freyriano da valorização da mestiçagem repercutiu na imprensa, presente particularmente nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues.

Assim Nelson Rodrigues, e não só ele, participa da construção de idéias do Brasil, da brasilidade e da identidade nacional. Com suas crônicas esportivas, Nelson investe pesadamente no que ele julga ser falta de identidade, enxergando uma possível solução apontada pela união nacional que cresce nos jogos do escrete. Colabora, neste sentido, com a construção e divulgação de um poderoso símbolo, capaz de dar “um tom” ao país mas que, na mesma dinâmica, escondia ou maquiava muitos de nossos problemas (repressão política, problemas estruturais, abismo econômico, racismo, etc.).

Sem se traduzir em um estúpido instrumento de manipulação de massas e criador de ilusões, Nelson Rodrigues conseguiu apontar em suas crônicas outras esferas pouco exploradas da realidade brasileira. O combate à falta de auto-estima, as positivities das particularidades brasileiras, a complexidade do país e seu subdesenvolvimento são investigados e expostos ao seu público. E tais empreitadas ocorriam em um estilo literário muito particular, a crônica esportiva, que ressaltava o cotidiano, a oralidade e os aspectos sensoriais do dia-a-dia. Ainda, e aqui se revela o peculiar e genial do autor, estas questões foram tratadas em um universo muito rico e único, carregado de metáforas, exageros, repetições e referências. Neste sentido acreditamos que Nelson Rodrigues deve ser lido e pensado, não como mais um ideólogo conservador ou autor espetacular e preso a uma “a-temporalidade”, mas sim enquanto um dono de um estilo próprio e que, de sua maneira, procurou dialogar com os pensadores, intérpretes e políticos os problemas nacionais de sua época. E com sensibilidade forte, aponta questões e formula soluções ao “pensar o Brasil”, visto que muitas delas passam pelo “milagre do escrete”.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, F. M. R. F., Com brasileiro, não há quem possa. Crônicas de futebol e identidade nacional. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da USP. Orientadora Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto. São Paulo, FFLCH/USP, 1999.

CALDAS, W., “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro” In Revista USP – Dossiê Futebol. São Paulo, USP. Julho / agosto, no.22, p.40-49. 1994

CASTRO, R., O Anjo Pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CHAUI, M., Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, F., “O futebol na ponta da caneta” In Revista USP – Dossiê Futebol. São Paulo, USP. Julho / agosto, no.22, p.84-91, 1994

DAMATTA, R., “O futebol e os papéis-modelo” In O Estado de São Paulo. São Paulo, 11 de julho de 2002.

_____, “Antropologia do Óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro” In Revista USP – Dossiê Futebol. São Paulo, USP. Julho / agosto, no.22, p.10-17, 1994

_____, Explorações. Ensaios de Sociologia Interpretativa. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

ELIAS, N. & DUNNING, E., Deporte y ocio en el proceso de la civilización. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

FAUSTO, B., História do Brasil. São Paulo, Edusp / Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998.

FRANZINI, F., As raízes do país do futebol. Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História Social da USP. Orientador Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo, FFLCH/USP, 2000.

GOMES DA SILVA, J. C., 1994. A identidade roubada. Ensaios de Antropologia Social. Lisboa, Gradiva, 1994.

GUIDARINI, M., Nelson Rodrigues: Flor de Obsessão. Florianópolis, Editora da UFSC, 1990.

HUIZINGA, J., Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perspectiva, 1996.

LEVINE, R. M., “Esporte e Sociedade: o caso do futebol brasileiro” In MEIHY, J.C.S.B. & WITTER, J.S. (orgs.). Futebol e Cultura. Coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial / Arquivo do Estado, p.21-44, 1982.

MARQUES, J. C., 2000. O futebol em Nelson Rodrigues. O óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo, EDUC / FAPESP, 2000.

MEIHY, J. C. S. B., “Para que serve o futebol?” In MEIHY, J.C.S.B. & WITTER, J.S. (orgs.). Futebol e Cultura. Coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial / Arquivo do Estado, p.11-19, 1982.

MORAES, E. J., *A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.

MORAES, J. G. V., *Cidade e cultura urbana na Primeira República*. São Paulo, Atual Editora, 1994.

RODRIGUES, N., *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993

_____, *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

_____, *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ROSENFELD, A., *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo, Perspectiva / Edusp / Editora da Unicamp, 1993.

SEVCENKO, N., “Futebol, metrópoles e desatinos” In *Revista USP – Dossiê Futebol*. São Paulo, USP. Julho / agosto, no.22, p.30-37, 1994.

_____, *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

TOLEDO, L. H., *Lógicas no futebol. Dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia Social da USP. Orientador Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo, FFLCH/USP, 2000.

VIANNA, H., *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor / UFRJ, 1995.